

Entre perdas e ganhos: notas sobre homossexualidade masculina, geração e transformações sociais no Brasil

“Desde o enterro de Joca, tenho a sensação de que ele tá vivo, vai reaparecer. Provavelmente de supetão, no meio da madrugada, que poderíamos terminar tomando sopa de cebola no Ceasa. Ou quem sabe com um baseado e um chá de erva-cidreira, quase de manhã, vendo o último filme da tevê” (Alberto Guzik, *Risco de Vida*)

Introdução

A epígrafe acima, extraída de um romance publicado em meados da década de 1990, traz à tona um sentimento vivido por qualquer pessoa que já tenha passado pela experiência do luto: ao mesmo tempo em que a perda é racionalmente constatada, espera-se, pelo menos nas fases iniciais do processo, que aquele que se foi reapareça a qualquer instante, provavelmente com a notícia de que tudo não passou de um delírio momentâneo. Colocado em seu devido contexto, esse pequeno trecho revela algo mais: Alberto Guzik, crítico e diretor teatral falecido em 2010, falava, através de um personagem semiautobiográfico, da tristeza que sentia pela morte de um dos seus melhores amigos, o também diretor de teatro Luiz Roberto Galizia, vitimado pela AIDS em 1985. Mais do que um simples lamento individual, expunha uma angústia compartilhada entre todos aqueles que testemunharam, de uma maneira ou de outra, a devastação provocada pela chegada do HIV ao Brasil.

Em um período imediatamente anterior, no entanto, vivia-se tempos mais amenos: apesar de ainda estar governado por uma ditadura, o país experimentava uma liberalização de costumes sem precedentes, impulsionada, principalmente, pelo “desbunde” da contracultura que havia ganhado força no final da década de 1960 (MACRAE, 1990; HEILBORN, 2004). Na esteira dessa maior abertura, surgia em São Paulo o *Somos*, primeiro grupo organizado com vistas à reivindicação de visibilidade para o que na época era conhecido como “afirmação homossexual” (MACRAE, 1990; GREEN, 2000).

Para aqueles que tiveram a chance de sobreviver à epidemia que viria logo a seguir, os anos seguintes ao pânico provocado pela nova doença proporcionaram uma espécie de “reflorescimento” de demandas que haviam sido parcialmente apagadas pela forte

associação entre homossexualidade e AIDS. Embora não tivesse deixado de existir por completo, somente no início dos anos 90 o ativismo homossexual ressurgiria com força, desvinculado, porém, da imagem de “marginalidade” em que estivera pautado até o início da década de 1980 (FACCHINI, 2005). Como aponta Meccia (2011), a partir desse momento entraria em vigor a “linguagem de direitos”: no contexto da contemporaneidade, não bastaria apenas reivindicar uma não-discriminação, mas, acima de tudo, direitos civis como a criminalização da homofobia e o casamento entre pessoas do mesmo sexo.

Tendo como base alguns dos marcos acima expostos, a proposta deste trabalho consiste em investigar a maneira pela qual homens de meia-idade oriundos de camadas médias e residentes na cidade de São Paulo vivenciam e percebem a própria homossexualidade¹ frente às transformações sociais ocorridas no Brasil ao longo das três últimas décadas. Já em fase de finalização, a pesquisa teve origem em indagações que apareceram após a realização de meu mestrado – ocasião em que investiguei os sentidos sociais do “assumir-se” entre homens homossexuais do Rio de Janeiro – e contempla um amplo leque de questões pertinentes à investigação sócio-antropológica. Introduzido o tema, passo à descrição do campo.

Entre a cidade e os discursos: (des)caminhos e aproximações

Uma vez apresentado a uma rede de contatos proveniente do círculo pessoal de um amigo próximo, dei início, em janeiro de 2011, a uma série de entrevistas experimentais. Entretanto, tive logo que lidar com dois estranhamentos: primeiramente, meu relativo desconhecimento da cidade de São Paulo, onde havia chegado há menos de um ano. Em segundo lugar, o contato com pessoas pelo menos dez anos mais velhas do que eu, algo que viria a se mostrar extremamente positivo, pois ao mesmo tempo em

¹ Longe de ser homogênea, a experiência da homossexualidade encontra-se permeada por variações individuais e limites históricos e sociais muito específicos, o que considero necessário enfatizar a fim de contextualizar o lugar de onde falo e posiciono os achados aqui reproduzidos. Em que pese a importância desse marcador social da diferença no presente texto, utilizo-o menos como *identidade* e mais como *denominador* de experiências em comum; isto é, como uma das muitas possibilidades de *localizar* o ponto de vista a partir do qual se experimenta e se compreende certos acontecimentos. Para uma análise apurada sobre a trajetória da identidade homossexual masculina no campo da antropologia brasileira, ver Carrara & Simões (2007).

que fazia o papel de “inquiridor”, era introduzido pelos interlocutores a histórias pertencentes a um tempo que não havia experimentado. Por outro lado, não resta dúvida de que meu pertencimento de classe atuou como facilitador de entrada: de maneira semelhante a Heilborn (2004), posso dizer que trabalhei, até certo ponto, com um segmento “intelectualizado e psicanalisado” (HEILBORN, 2004, p. 72), muito próximo do meu universo de convívio cotidiano.

No contexto das entrevistas formais, que constituíram a maior parte do trabalho aqui reproduzido, procurei direcionar as questões a partir de um viés que levasse em conta a variável “geração”. Ao mesmo tempo, contudo, tentei ser cauteloso para que esse marcador não fosse por demais naturalizado. Ainda que os interlocutores compartilhassem trajetórias de vida relativamente semelhantes, não poderia deixar de considerar diferenças importantes em relação ao grau de proximidade com que haviam testemunhado determinados eventos. Primeiramente, pelo fator etário: enquanto o mais jovem se encontrava próximo dos 40 anos quando conversamos pela primeira vez, o mais velho já contava 57. Além disso, alguns deles haviam tido um maior envolvimento em causas sociais intimamente relacionadas com o que me interessava investigar, o que acabava por conferir a eles um ponto de vista “privilegiado” em relação aos demais.

Apesar disso, viviam todos na mesma cidade – em sua grande maioria, dentro ou muito próximos do que é conhecido como o “centro expandido” de São Paulo² – e haviam acompanhado, sob um pertencimento de classe semelhante, as mudanças que a questão da homossexualidade atravessou no período de tempo que era caro à pesquisa analisar. Participavam, além disso, de uma rede de relações composta por indivíduos de variadas faixas etárias. Tendo em vista esses fatores, optei por não descartar do recorte interlocutores potencialmente valiosos em virtude de uma idade cronológica menor. Como observa Mannheim (1982), uma geração não pode ser definida unicamente por um marcador etário, devendo também *compartilhar circunstâncias históricas e sociais*. Se as disparidades de idade poderiam atuar como fator complicador do recorte

² Região delimitada pelos rios Tietê e Pinheiros, o “centro expandido” concentra o maior número de serviços, atividades culturais e de lazer da cidade, sendo habitado, em sua maior parte, por camadas médias. Embora o fator “classe” não possa, por si só, caracterizar uma determinada região da cidade, utilizo-o como forma de contextualizar o perfil socioeconômico do espaço por onde circulei.

etnográfico que estabeleci, as características que os aproximavam se sobrepuseram, acredito, a eventuais distanciamentos etários. Em relação à segunda questão, a posição “privilegiada” de alguns serviu antes como possibilidade comparativa nas questões que ia formulando ao longo das entrevistas do que como impedimento para uma apreensão conjunta das informações.

Conforme apresentado, elegi como prioridade tentar compreender o modo pelo qual os interlocutores vivenciavam e percebiam a própria homossexualidade a partir de certos marcos sócio-históricos, como o advento da epidemia de HIV/AIDS e os pânicos morais que a doença suscitou, o surgimento das primeiras Paradas do Orgulho LGBT no Brasil e os recentes debates públicos envolvendo a legalização das uniões homoafetivas e a criminalização da homofobia. Procurei, no entanto, evitar a “compartimentalização” da experiência na situação das entrevistas, ainda que, para fins analíticos, certas subdivisões tenham sido necessárias.

Revisitando a dor: AIDS, sofrimento e gestão de si

Durante o início da epidemia de AIDS, em meados dos anos 80, muitos homens que mantinham relações sexuais com outros homens se viram diante de uma situação chocante e inesperada: atingidos direta ou indiretamente por uma doença até então muito pouco conhecida, tiveram que encontrar saídas para lidar com um verdadeiro turbilhão de sofrimentos que irrompeu em suas vidas. Ao mesmo tempo em que grande parcela descobriu-se contaminada, era preciso encarar outros desafios, como a morte de amigos e companheiros, o estigma disseminado pela mídia (mas também pela comunidade científica, que havia definido, em um momento inicial, homossexuais e usuários de drogas intravenosas como os principais “grupos de risco”³) e a manipulação de uma “identidade indizível” (POLLAK, 1990), visto que, para muitos dos afetados, revelar a própria homossexualidade – não raro desvelada em virtude da doença – poderia representar a ruptura de laços sociais importantes. Desse modo, a constante tensão ligada ao medo do contágio e às ambiguidades de uma forma de vivenciar a sexualidade que começava, ainda que timidamente, a conquistar alguma legitimidade

³ Contestada posteriormente, a noção de “grupo de risco” constituía uma classificação arbitrária por parte dos epidemiologistas, levando em conta a observação de uma série limitada de casos (POLLAK, 1990, p.123).

social, provocava reações de profunda solidão e desamparo, marcando o retorno de uma concepção perversa que havia, em um passado não muito remoto, contribuído para patologizar a homossexualidade (GREEN, 2000).

A experiência da doença, inicialmente marcada por informações desconstruídas e uma única certeza – sua letalidade –, despertou uma angústia coletiva que só aumentava na medida em que mais pessoas iam morrendo e o preconceito social se fortalecia. Embora alguns soropositivos encontrassem conforto nas relações mais próximas – geralmente um companheiro ou amigo que não estivesse contaminado – ou, em alguns casos, no contato positivo com um médico que pudesse atenuar o sentimento de medo e vergonha perante a integração entre homossexualidade e doença, em grande medida o silêncio constituía o recurso mais imediatamente disponível diante da possibilidade de abandono. Mesmo quando pais ou irmãos se sensibilizavam com o sofrimento do parente, com frequência a relação familiar permanecia frágil, uma vez que a marginalização ocorrida no passado não era simplesmente esquecida.⁴ Além disso, era preciso lidar com o distanciamento físico dos cuidadores, fossem eles amigos ou parentes. Igualmente temerosos em relação à potencial perspectiva de contágio, não era incomum que adotassem um comportamento permanentemente vigilante e asséptico. Não por acaso, a conjuntura social demandava, para muitos, uma gestão de si baseada no segredo, especialmente para quem ainda mantinha suas práticas sexuais na clandestinidade (POLLAK, 1990, p. 105).

Nos discursos de três interlocutores já próximos dos 60 anos de idade, a ideia de uma retração ocasionada pela emergência da AIDS aparece de modo bastante claro, evidenciando a decepção de quem havia, em um momento imediatamente anterior, constatado mudanças importantes no que se refere a uma percepção social mais positiva da homossexualidade. Embora sob diferentes graus de envolvimento, todos haviam sido

⁴ É interessante notar a mistura de tabus que se estabeleceu a partir da conjugação de um evento diretamente ligado à morte com suas reverberações no campo da sexualidade. Para aqueles que desenvolviam a doença e obtinham o apoio de familiares na iminência do morrer, o tabu da homossexualidade poderia ser minimizado em virtude do sofrimento diante do qual se defrontava. Por outro lado, parecia ser relativamente comum que a família se preocupasse em desvincular o falecimento do parente do estigma trazido pela AIDS, escondendo a verdadeira causa da morte ou promovendo cerimônias reservadas das quais testemunhas da vida homossexual estavam excluídas (POLLAK, 1990, p. 110).

membros do *Somos* e observavam com tristeza o recrudescimento de comportamentos discriminatórios durante o auge da epidemia. Para Thomaz⁵, que havia estado presente no I Encontro Brasileiro de Homossexuais Organizados (I EBHO)⁶, em 1980, a experiência de ter retornado, alguns anos depois, ao local onde o evento acontecera para uma conversa com médicos sobre a disseminação da epidemia é bastante ilustrativa desse sentimento coletivo de “involução”:

Eu tive uma sensação muito estranha [...] O primeiro congresso de grupos homossexuais que teve no Brasil foi em São Paulo, e terminou no [teatro] Ruth Escobar. Foi uma coisa incrível, tava fortíssima essa história, o *Somos* tava no auge. A sensação que eu tive [depois] lá no Ruth Escobar foi horrível, porque uns anos atrás tava todo mundo lá feliz, alegre, contente, comemorando uma política de afirmação, e de repente estava todo mundo lá ouvindo falar de prevenção à AIDS, vendo aquela decadência toda. Senti uma coisa totalmente decadente, assim... uma impressão muito triste, que a gente tava falando de vida, de afirmação, e de repente a gente tava falando de morte (Thomaz, professor, 57 anos)

Entre os interlocutores mais jovens, relatos que faziam referência ao impacto da epidemia também se mostraram recorrentes, embora comparações com o período anterior à disseminação da doença fossem menos frequentes por razões óbvias. Em muitos casos, a coincidência entre o advento da AIDS e as primeiras relações sexuais era motivo de muita angústia, freando possibilidades de encontro e permeando experiências com o pavor da contaminação. Como coloca Samuel em uma perspectiva comparativa com os dias atuais, um discurso repressivo generalizado era acompanhado por ações violentas perpetradas por agentes do Estado, a exemplo de incursões policiais em bares de frequência homossexual na região central da cidade:

Pra mim ainda é muito vivo, a memória das coisas que a gente ouvia... e eu não frequentava meios, eu via de vizinho, eu via em ônibus, eu via em televisão, você via muito eles chamarem como “peste gay”...

⁵ A fim de preservar o anonimato dos interlocutores, seus nomes reais foram substituídos por pseudônimos.

⁶ Para mais informações sobre o encontro, ver MacRae (1990) e Facchini (2005).

eu acho que hoje, sei lá, 30 anos, 20 e tantos anos, isso foi apagado... até porque se comprovou que o vírus não tem essa inteligência de distinguir quem ele vai infectar, né? [...] Eu não vivi isso, mas lembro de amigo meu falando que aqui na praça Roosevelt, alguns bares gays ali, que chegava a polícia batendo em todo mundo porque era gay; não é “Vou te revistar, deixa eu ver seu documento e ver se você é procurado”, é de bater mesmo. E sempre foi falado de uma forma muito negativa. Eu acho que isso na verdade é que fez eu dar aquela pirada básica que eu te falei, porque, meu... eu só recebia reforço negativo pro que eu era (Samuel, promotor de eventos, 41 anos)

Questão cara a Samuel e grande parte dos interlocutores com quem tive a oportunidade de conversar, o papel da epidemia de AIDS na constituição de um certo imaginário social sobre a homossexualidade foi assunto longamente debatido, ocupando, em alguns casos, boa parte do tempo de entrevista. Ainda que as vicissitudes do que poderíamos chamar de uma “experiência geracional” comum não se esgote com a experiência de se ter testemunhado o aparecimento da doença, deparei-me com um marco que perpassa, indubitavelmente, aspectos fundamentais de suas vidas. Sem pretender elaborar uma análise conclusiva, sobre o tema, considero relevante qualificar minha posição enquanto pesquisador frente a essas pessoas, pois havendo uma diferença de idade nada desprezível entre nós, é possível que meus interlocutores tenham se preocupado em transmitir informações que valessem não só para enriquecer minha investigação, mas também para alertar a “geração” que inevitavelmente represento, cuidando para que não se subestime um horror encarado talvez com menor preocupação pela população jovem de hoje.

De obstáculos e conquistas: visibilidade, transformação social e categorias de reconhecimento

Se na década de 1980 o pavor provocado pela epidemia de HIV/AIDS assolava tanto quem havia testemunhado um período de menor repressão quanto quem começava a vivenciar a própria sexualidade, a partir da metade final dos anos 90 já se podia perceber um cenário bem mais favorável: antirretrovirais, Paradas do Orgulho LGBT e personagens assumidamente homossexuais retratados de maneira menos caricata na televisão (COLLING, 2007). Sinal dos tempos, diria Meccia: diferente de uma geração anterior, marcada pelo que o autor chama de “coletividade discriminada”, na

contemporaneidade, os movimentos sociais passariam a ter como meta não só a denúncia de rechaço em virtude da orientação sexual, mas também uma política de cidadania, mobilizando todo um aparato com vistas a mudanças na legislação. No período da “gaycidade”, marcado, em suas palavras, por uma “abertura relacional”, tomaria forma um movimento que proporcionaria aos antigos “sofredores” uma possibilidade de inclusão que não mais os separaria do corpo social maior (MECCIA, 2011).

Caminhando em direção semelhante, Seidman (2002) sugere que a menor importância de um “armário” faria com que houvesse uma aproximação subjetiva entre uma certa “identidade gay” e o “mundo heterossexual”, tornando a orientação sexual um aspecto de menor relevância. Além disso, o autor chama a atenção para o que considera o efeito mais visível do crescimento de um senso de autointegridade e merecimento social: uma mudança na agenda do movimento LGBT, que teria passado de uma reivindicação pela simples *tolerância* à demanda por igualdade civil. No campo das subjetividades, o processo gradativo de integração social estaria despertando, de acordo com o autor, um desejo crescente, por parte dos homossexuais, de viver o que ele chama de “vidas comuns de classe média”⁷.

Ainda que os autores supracitados tenham conduzido suas investigações em contextos estrangeiros – o primeiro na Argentina e o segundo nos Estados Unidos –, acredito ser possível depreender semelhanças com a realidade brasileira, especialmente no que concerne à crescente possibilidade de inserção em circuitos de sociabilidade onde a questão da homossexualidade deixa de ser alvo de grande problematização. Nas entrevistas que conduzi, relatos que lembram essa “abertura relacional” sobre a qual fala Meccia estiveram presentes com significativa frequência, principalmente em situações envolvendo família e ambiente profissional. Entre as ideias que aparecem com maior recorrência, destaco a valorização dos “privilégios” dos quais homossexuais de hoje poderiam desfrutar em comparação com um tempo passado, além do acionamento das noções de *respeito*, *tolerância* e *aceitação* para caracterizar suas relações. Geralmente preferida, a noção de *respeito* tem lugar de destaque nas falas e parece ocupar o topo de

⁷ “Ordinary middle class lives”, no original.

uma certa hierarquia que confere às categorias *aceitação* e *tolerância* uma posição menos privilegiada.

Para muitos interlocutores, o número cada vez maior de adolescentes que poderiam se assumir para os familiares ainda em casa seria um ponto positivo e contrastante em relação à sua própria experiência de juventude, marcada muitas vezes por conflitos importantes no ambiente doméstico. No entanto, ao justapor passado e presente, não era raro que falassem de uma proximidade maior conquistada com o passar dos anos. Indagados a respeito de uma possível “nostalgia”, somente um deles mencionou sentir saudades da época em que havia ‘um mundo gay paralelo’⁸, falando, por exemplo, das festas que ocorriam em uma sauna que costumava frequentar. Para ele, ‘a coisa escondida’, ‘meio suja’ e ‘meio sórdida’ característica de seu tempo de juventude conferiria uma maior intensidade a determinadas experiências. No entanto, mesmo em seu caso isso parece estar relacionado muito mais à esfera sexual do que a outros circuitos de sociabilidade – do contrário, não teria dado ênfase aos aspectos positivos das transformações na visibilidade, inclusive na sua própria relação com a família de origem.

Em que pesem os avanços sociais responsáveis pelo usufruto de uma maior liberdade, alguns interlocutores tecem críticas ao que consideram uma espécie de falta de “bom senso” por parte dos mais jovens, condenando “exageros” que poderiam vir a associar a homossexualidade a estereótipos negativos. Nesse sentido, alguns discursos são enfáticos em condenar a maneira pela qual uma visibilidade conquistada às custas de um esforço anterior estaria sendo desfrutada por esse segmento, como quando Samuel lamenta a padronização de determinados comportamentos e estilos e reprova o que observa entre os adolescentes que frequentam o Largo do Arouche aos domingos⁹:

Eu acho que há visibilidade da forma errada [...] Não é moralismo, não é moralismo mesmo. Mas eu vejo os gays hoje se comportando

⁸ Para melhor me distinguir, utilizo aspas simples para termos nativos.

⁹ Dados etnográficos recentes sobre o lugar podem ser encontrados no trabalho de Calixto e Guimarães (2012).

como se estivessem no exército. Parece que saíram de uma fabriquinha de máquina de série, eles se vestem igual, cortam o cabelo igual, dançam a mesma musica o tempo inteiro e fazem as mesmas coisas o tempo inteiro. Então você vê, né... na hora que têm que ter reação, eles não têm reação. Não é que você tem que chocar, que eu acho que você tem que chocar com atitude [...] É claro que ninguém precisa ser igual a mim, não é isso que eu tô querendo dizer, mas eu acho que é tudo da forma errada, é tudo muito confuso. Você vai no domingo às 7 horas da noite no Largo do Arouche, tem mil adolescentes. Aí você vê o rapaz beijando a moça, que beija outra moça, que beija outro rapaz, todo mundo se beijando. Porra, que diabo é isso?

Em relação às ações da militância¹⁰ atual, muitas críticas são direcionadas à Parada do Orgulho LGBT, que teria perdido seu caráter político original e permitido “excessos” que não condiriam com uma verdadeira luta pelo ‘respeito’, como coloca um interlocutor ao questionar a presença de ‘um monte de gente pelada’ em cima de trios elétricos em detrimento da promoção de discussões importantes. No entanto, há relatos que exaltam a relevância do evento a despeito da excessiva festividade que carrega. Um desses exemplos é Alcides, frequentador assíduo que tive a oportunidade de acompanhar em uma edição. Para ele, a Parada teria importância fundamental na história da luta política e na aproximação entre diferentes segmentos sociais:

De tudo o que eu já vi sobre o movimento gay, a coisa mais significativa que o movimento já produziu foi a Parada Gay [...] Poder estar ali com um travesti que não tinha nenhum grau de instrução, por todos os problemas que tem isso, e estar ali com um estudioso professor, um acadêmico [...], todo mundo convivendo ali. Então eu percebo que a Parada, ela trouxe essa visibilidade. E hoje vejo muita gente condenando a Parada. (Alcides, coordenador de projetos, 43 anos)

No que concerne a questões relacionadas às demandas legislativas dos movimentos sociais, os debates em torno do casamento homoafetivo e da criminalização da homofobia foram bastante privilegiados nas conversas, tendo em vista não só minhas

¹⁰ Tanto aqui quanto nas outras falas, a palavra refere-se a categoria nativa, visto que pluralidades e tensões internas do movimento LGBT brasileiro não são postas em questão. O mesmo vale para o termo “movimento”.

inquietações enquanto pesquisador, mas o cenário político atual, fazendo com os temas aparecessem muitas vezes de maneira espontânea. Em relação ao primeiro, parece haver um consenso sobre a importância da existência de uma lei que dê respaldo às uniões constituídas por pessoas do mesmo sexo, embora vozes dissonantes apontem problemas na adoção de uma instituição que meramente reproduza o modelo heterossexual:

Há uma bandeira do movimento que eu respeito, mas que para mim não tem muito a ver, porque quando aparece alguma notícia de celebrações [...], é uma mera reprodução – desde o ritual religioso, seja lá de que igreja for, da festa –, daquele modelinho hetero, papai e mamãe. Então, eu pergunto: “O que isso contribui para mostrar outros tipos de relação possíveis?” Não sei se contribui ou não. Respeito; enquanto bandeira do movimento, não deixa de ser importante, pela garantia de direitos também, daqueles dois homens, duas mulheres, que queiram partilhar seus bens etc. e tal, para poder ter isso legitimado; acho importante nesse sentido. Agora, enquanto reprodução de um modelo, que eu julgo meio ultrapassado, de casamento, não vejo muito sentido (Edilson, 51 anos)

Em relação ao PLC 122¹¹, também parece haver relativo consenso, pois poucas vezes escutei opiniões contrárias à necessidade de proteger, através de uma legislação específica, a população LGBT. Não obstante, alguns interlocutores chamam a atenção para o que poderia, em uma primeira leitura, ser encarado como mero preciosismo: a importância de delimitar muito bem o significado da palavra “homofobia”. Como aponta Samuel, seria mister a existência de um movimento de mão-dupla, uma espécie de acordo que permitisse uma convivência harmoniosa entre pessoas de orientações sexuais diversas. Aqui, mais uma vez ele assume um tom de crítica e evoca, como o interlocutor que condena o formato atual da Parada do Orgulho LGBT, a categoria ‘respeito’:

¹¹ Elaborado a partir de uma série de outros projetos que visavam combater a discriminação por orientação sexual, o PLC 122/06, de autoria da deputada Iara Bernardi (que hoje tramita com texto diferente do que possuía originalmente), tem sido motivo de discórdia no plano político, pois muitos acreditam que ele fira a liberdade de expressão ao caracterizar a homofobia como crime na esfera federal. Mais informações podem ser obtidas em <http://www.plc122.com.br/> (Acesso em 27 de junho de 2013).

Eu acho um projeto legal, desde que a pessoa consiga entender que respeito é uma coisa, homofobia é outra. Respeito é eu de repente ver você beijando o cara e falar, “Porra, meu, tá beijando”, “Pô, desculpa aí”, nem “Desculpa aí”, que você não tem que pedir desculpa, você percebeu que, porra, aqui não é um lugar de fazer um negócio desse, vai fazer isso no meio da torcida do Palmeiras; sou burro, né? Não vou querer apanhar desses caras que tão bebendo, enchendo a cara e pulando por causa de um time. Homofobia é eu achar que você é gay e dar porrada em você, ou fazer uma gangue, pegar e bater em você, sem nenhum motivo aparente, ou ir e assassinar você porque você é gay [...] Ninguém tem que desenvolver respeito por você, a sociedade não tem que respeitar, “Ah, a partir de agora a sociedade tem que respeitar os gays”, não, os gays têm que conquistar isso, e conquistam, cara... conquistam, sim. Aos poucos, aos trancos e barrancos, devagar...

Entre perdas e ganhos: geração, diferença e potencialidades

Considerando o que foi apresentado, breves colocações se fazem necessárias. Em primeiro lugar, me parece sugestivo que as referências dos interlocutores aos jovens homossexuais de hoje se mesclam entre a exaltação de uma liberdade maior e a condenação de alguns “exageros” que cometem. Esse último discurso, presente no trabalho de Meccia entre aqueles que viveram o aparecimento da AIDS e hoje se encontram na meia-idade, parece refletir um sentimento de inadequação em relação ao período contemporâneo, marcado por um conflito entre as disposições apreendidas no passado e as oportunidades oferecidas pelo presente (MECCIA, 2011). Por outro lado, seria ingênuo – para não dizer injusto – tomar como menos relevante os aspectos positivos de um processo transformativo que permitiu a essas mesmas pessoas a experiência de uma visibilidade talvez sequer imaginada: pelo menos entre meus interlocutores, a valorização das liberdades a que hoje têm acesso é unânime.

Assim como as falas se alternam entre reprovações e entusiasmos, arrisco dizer que a sociedade brasileira também parece estar dividida entre a permissividade do “desbunde” que marcou as décadas de 1960 e 1970 e a tentativa de preservação de certo “conservadorismo”, presente em sua faceta mais extrema na “cruzada moral” promovida por determinados setores políticos contra a aprovação de leis que beneficiem a população LGBT (LA DEHESA, 2010). Se há, pelo menos no contexto ocidental, um movimento integracionista que visa à derrubada de fronteiras imaginárias entre

sexualidades distintas, ele certamente é acompanhado de uma reação que não vê com bons olhos o estremecimento de valores tradicionais, conflito que talvez se reproduza no discurso dos interlocutores que trouxe à baila neste artigo. Ciente de que o que apresento aqui se baseia menos em uma reconstituição factual do que numa interpretação de percepções subjetivas acerca de uma dada realidade, não tenho meios, no entanto, de elaborar grandes hipóteses a partir do material que coletei. Acredito, contudo, que ele extrapole o universo do pequeno grupo a que tive acesso.

Referências bibliográficas:

CALIXTO, Maria Eugênia Perez & GUIMARÃES, Eros Sester Prado. “O que compra alguém no Largo?: identidades e homossociabilidades no Largo do Arouche domingo à noite”. Anais do VI Congresso Internacional de Estudos Sobre a Diversidade Sexual e de Gênero da ABEH. Salvador, 2012. Disponível em http://www.abeh.org.br/index.php?option=com_phocadownload&view=category&download=172:ee017pdf&id=1:anais-abeh-2012&Itemid=87&start=60

CARRARA, Sérgio; SIMÕES, Júlio Assis. “Sexualidade, cultura e política: a trajetória da identidade homossexual masculina na antropologia brasileira”. Cadernos Pagu, n. 28, p. 65-99, 2007.

COLLING, Leandro. “Homoerotismo nas telenovelas da Rede Globo e a cultura”. Trabalho apresentado no III ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, realizado entre os dias 23 a 25 de maio de 2007, na Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador, Bahia. Disponível em <http://www.cult.ufba.br/enecult2007/LeandroColling.pdf>.

FACCHINI, Regina. “*Sopa de letrinhas?*”: movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

GREEN, James N. *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: UNESP, 2000.

HEILBORN, Maria Luiza. *Dois é par: gênero e identidade sexual em contexto igualitário*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

LA DEHESA, Rafael de. *Queering the public sphere in Mexico and Brasil: sexual rights movements in emerging democracies*. Durham: Duke University Press, 2010.

MACRAE, Edward. *A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil da “abertura”*. Campinas: Unicamp, 1990.

MANNHEIM, Karl. “O problema sociológico das gerações”. In: FORACCHI, Marialice M. (org.) *Karl Mannheim: Sociologia*. São Paulo: Ática, 1982, p. 67-95.

MECCIA, Ernesto. *Los últimos homosexuales*: sociología de la homosexualidad y la gaycidad. Buenos Aires: Gran Aldea Editores, 2011.

POLLAK, Michael. *Os homossexuais e a AIDS*: sociologia de uma epidemia. São Paulo: Estação Liberdade, 1990.

SEIDMAN, Steven. *Beyond the Closet*: the transformation of gay and lesbian life. London & New York: Routledge, 2002.